

O PAS E O ENSINO DAS ARTES

João Claudio Todorov
Elisa de Souza Martinez

Ilustração: Fred Lobo

Habitamos uma cidade desenhada e, portanto, poderia parecer redundante dizer que seu desenho é produto de um gesto brasileiro modernista. Ao iniciarmos as discussões do Comitê das Artes do Programa de Avaliação Seriada (PAS), acreditávamos que não haveria outra tarefa mais oportuna que a de propor aos professores que atuam no ensino secundário no Distrito Federal o estudo das aplicações do desenho no cotidiano de uma cidade projetada para tornar-se o símbolo de nossa modernidade cultural e econômica.

A racionalidade do traçado de Brasília é enigmática para a maioria de seus habitantes. Aparentemente, trata-se de uma cidade artificial e sua efetiva ocupação tem negado as características do desenho original para revelar as heranças culturais e sociais daqueles que participam da construção de uma comunidade com características próprias, procedentes de todas as regiões brasileiras.

Acreditava-se que a construção da nova capital propiciaria a convergência e, espontaneamente, a valorização e a integração das tradições artísticas, eruditas e populares, brasileiras. Esse seria o território neutro, sem passado, e nele todas as tradições seriam igualmente estrangeiras. Seu distanciamento privilegiado dos tradicionais centros de credenciamento da produção artística nacional e o potencial de realização da utopia integradora forneceriam as condições para o surgimento de gerações que reconheçam a riqueza e a coexistência de numerosas tradições artísticas do Brasil.

Sua existência poderia indicar que a identificação e o resgate de nossas tradições são desnecessários e incompatíveis com a consolidação de nossa cidade futurista. Entretanto, ela é a consequência dessas tradições, e apreciar a sua existência é também reconhecê-las. Como exemplo, a predominância da função estética no desenho de vários monumentos públicos é ainda um resquício de um repertório estilisticamente barroco.

Houve sempre entre os criadores brasileiros uma atração pela atualização estética segundo modelos hegemônicos e, também, pela valorização desta em contraposição às tradições culturais populares. O espaço urbano construído de Brasília e a identificação das variadas características formais e estilísticas atualmente encontradas, tanto nos setores residenciais quanto nos empresariais, conduzem-nos ao questionamento da promessa de redenção estética do gosto popular das sociedades industriais. A assimilação de um vocabulário nacional de formas e códigos modernistas, implantados por meio de um rigoroso planejamento, levaria à apreciação de sua principal tarefa, que é a de atender às funções definidas pelo pragmatismo das sociedades mais avançadas

de maneira tecnicamente adequada.

Mesmo após identificar a necessidade de proporcionar a compreensão da importância cultural específica de Brasília para a produção artística brasileira, não é possível ignorar que esta pertence a um contexto mais amplo e complexo, e que poderá conduzir-nos a múltiplas abordagens pedagógicas em seu estudo.

As formas artísticas que povoam nosso cotidiano por meio de filmes, prédios, programas de televisão, livros didáticos e propagandas, entre outros, exercem influência sobre

nossas vidas de maneira sutil ou não. Raramente esta influência é conscientemente percebida e, no mundo em que a sobrevivência é orientada inicialmente pelo sentido da visão, milhares de experiências visuais moldam nossos padrões de comportamento. Podemos, dessa maneira, afirmar que somos o que vemos.

Ao definir os conteúdos significativos em artes para o ensino secundário, privilegamos o equilíbrio entre o estudo da história da arte e o dos elementos e fundamentos da linguagem artística. A identificação da interdependência entre ambos

por meio de uma abordagem metodológica adequada propiciará a instrumentalização do estudante que será submetido a avaliação anual do PAS. Dessa maneira, será possível proporcionar o desenvolvimento de um pensamento que articula o estudo da estrutura da linguagem artística com a elaboração de formas bi ou tridimensionais, seguindo um percurso que difere do que é orientado pelas habilidades verbais discursivas ou pela atividade científica de parâmetros lógicos.

Partimos da ordenação cronológica que caracteriza os livros de história da arte e organizamos uma sequência de conteúdos que valoriza tanto o estudo das relações formais entre os elementos presentes na estrutura visual de uma obra de arte quanto a inserção desta no contexto sócio-cultural no qual fora realizada. Integram-se, assim, as abordagens formalista e contextualista.

Em nosso meio ambiente físico construído pela ação humana objetos produzidos a partir do *design* industrial são o produto das condições econômicas, tecnológicas e culturais de seu tempo. Ainda que processos racionais de planejamento, aliados à serialização da produção industrial, tenham nos afastado da intuição pura como origem da expressividade e da originalidade dos objetos únicos e produzidos artesanalmente, não nos é possível identificar sinais de um anonimato cultural absoluto em todos os objetos desenhados pelo homem para consumo universal. E a uma conclusão semelhante têm chegado os que se dedicam ao estudo da produção artística nas três últimas décadas. Nestas, o repertório de formas e elementos racionais empregados em várias combinações pelos artistas modernos tem sido gradualmente substituído pela escolha de temas úteis na ampliação do alcance das discussões em torno da multiculturalidade e da transdisciplinaridade.

Finalmente, provocados pelo estudo de períodos significativos tanto para a compreensão da formação dos cânones estéticos ocidentais quanto para a formação artística em território brasileiro após a colonização portuguesa, poderemos construir uma visão crítica e participativa de nosso patrimônio histórico e artístico nacional. Ao compreender o processo de construção, consolidação, esquecimento, decadência e redescoberta de nossas cidades coloniais e do acervo artístico nelas encontrado, estaremos certamente compreendendo um segmento de nossa trajetória cultural. Estaremos também mais próximos de Brasília e da valorização de todo o Patrimônio Cultural da Humanidade, que tem na nova capital brasileira uma de suas cidades tombadas.

■ João Claudio Todorov é reitor da Universidade de Brasília

■ Elisa de Souza Martinez é chefe do Departamento de Artes Visuais

